



APRESENTAÇÃO

Volume 9, número 3

Volume 10, número 1

Edição Conjunta

Esta nossa edição, conjugando o Número 3, do Volume 9, e o Número 1, do 10 da *Revista Feminismos*, que aqui apresentamos, está toda voltada para as diferentes contribuições referentes ao dossiê, "Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19", apresentado mais a frente por suas organizadoras, Maíra Kubik Mano e Cecília M.B. Sardenberg, pesquisadoras do NEIM e docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, o PPGNEIM da UFBA. Elas integram, também, a nossa Equipe Editorial, sendo este dossiê pensando por todas nós.

Como se verá adiante, o dossiê inclui artigos, depoimentos, ensaios, entrevista e uma seção com artes visuais e poemas, tudo isso expressando, de diferentes formas, nossas vivências, experiências transcendências e traumas na Pandemia do Covid-19. Tentamos incorporar a maior parte das contribuições submetidas, não exigindo titulação mínima, para abriremos caminho para quem quisesse aqui se manifestar.

Desejamos a nosso público uma boa leitura: que possa inspirar novas contribuições para a Feminismos!

Saudações Feministas,

Equipe Editorial:

Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Josimara Delgado, Maíra Kubik Mano, Márcia Santana Tavares

Capa: Bordado de V. Raquel Silva Santos, Montagem de Maíra Kubik Mano

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

"Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19"

Cecília Sardenberg e Maíra Kubík Mano

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) calcula que, em média, as mulheres ao redor do mundo executam 4 horas e 25 minutos de trabalho diário de cuidado não remunerado, comparado com uma hora e 23 minutos para os homens (POZZAN; CATTANEO, 2020). Na pandemia da covid-19, quando o risco iminente à saúde foi colocado em primeiro plano, as pessoas que exercem as tarefas socialmente consideradas como femininas experimentaram uma sobrecarga desse trabalho de cuidado, em especial as mulheres. O fechamento temporário de escolas e creches e a passagem do ensino para a modalidade virtual fez com que crianças e adolescentes estivessem em casa o tempo todo, em uma *homeschool* forçada, o que demandou mais apoio e atenção para os estudos. Os idosos e pessoas com algumas pré-condições de saúde foram consideradas grupo de risco, sendo, na medida do possível, isolados em casa, o que também ampliou a necessidade de um acompanhamento e de um suporte por parte da família. Obviamente, com mais pessoas dentro de casa por mais tempo, o ambiente doméstico também requereu um trabalho mais frequente – seja de limpeza, de lavagem de roupa ou de cozinha. Ademais, a carga mental, que vai desde fazer lista de compras de supermercado até o apoio psicológico de membros do grupo familiar, também se intensificou diante de uma situação de crise sanitária, que foi ou ainda é simultaneamente econômica e política. Como manter a saúde mental diante de 670 mil mortos no Brasil, em especial com um governo negacionista que dificultou como pôde o acesso à informação para prevenção da doença? Como esquecermo-nos da “imitação” de uma pessoa com falta de ar pelo presidente da República se pessoas morreram sem oxigênio em Manaus?

Nós escrevemos essa apresentação tendo, cada uma, experimentado parte dessa realidade pandêmica: Cecília, grupo de risco, isolada em casa; Maíra mudou-se temporariamente para a casa dos pais, idosos, para acompanhá-los. Ambas em trabalho

remoto, dando aulas online, realizando orientações e reuniões de pesquisa virtualmente, assim como os demais encargos do ofício acadêmico. As diferentes situações em que nos vimos imersas, com suas limitações e dificuldades, impulsionaram a proposição do dossiê aqui presente. E também postergaram diversas vezes sua publicação.

Um breve relato de Cecília: *“Em fins de fevereiro de 2020, eu voltava de Londres depois da reunião de um projeto internacional que fora realizada em Brighton, Inglaterra. Sentei-me em uma poltrona do corredor à direita de uma seção de quatro assentos no meio da classe econômica, num voo da British Airways. À minha esquerda, com uma cadeira vazia entre nós, seguia um jovem casal, ambos bastante gripados, tossindo a valer. Vinham de uma temporada de duas semanas passadas em viagem pela Itália, seguindo de volta para a cidadezinha do interior do Paraná em que moravam. Como sempre viajo para o exterior com uma ‘pequena farmácia’ em minha bagagem de mão, forneci a eles antigripais e pastilhas para a garganta, mas procurando ficar longe deles o máximo possível já que, como septuagenária, com diferentes ‘comorbidades’, há tempos que tento evitar riscos de contágio.*

Eis que alguns dias após minha chegada, estourou a pandemia do Covid-19 na Itália. E apareceu a notícia da suspeita de um casal jovem, do interior do Paraná que voltara da Itália há poucos dias, estar sofrendo de Covid-19. Resultado: pirei! Já me via virando cinzas, quando leio a feliz notícia de que as suspeitas em relação ao jovem casal não se confirmaram! Ufa! Dei graças às deusas, mas, esta não foi a última vez que passei por tal tipo de sufoco nesta pandemia. Na verdade, foram vários sustos, não só em relação a mim, mas também a meus filhos, netos, familiares próximos. Por conta do Covid-19, cheguei a perder um cunhado querido, meu compadre, bem como amigos e amigas: gente querida! Sem dúvida, este tem sido período muito difícil, tem deixado marcas que não se apagarão facilmente!

Ressalto aqui que digo difícil não só por essas perdas e pelo medo de contágio, mas em especial pelo isolamento necessário para evitá-lo, algo nada fácil para pessoas da minha faixa etária que moram sozinhas. Fiquei longe dos filhos, dos netos, das amigas e amigos. Morro de saudades de meu filho, que mora na Bahia, e não vejo há mais de dois anos!

Diferente de pessoas e suas famílias obrigadas a viverem confinadas em apartamentos em cidades grandes, tive a vantagem de estar residindo em uma pequena

chácara no interior de São Paulo, me beneficiando de um lindo quintal com muitas árvores frutíferas e um jardim com rosas, jasmims, dalias, e muito verde! E dividi tudo isso com minhas duas netas peludas, Lucy e Lolly, que foram aos poucos migrando das casinhas no quintal para dentro de casa e, por fim, para caminhas especiais no meu quarto, não me deixando nunca ficar sozinha.

Por conta da migração das atividades acadêmicas para o mundo virtual, voltei a participar mais ativamente do NEIM e do PPGNEIM, assumindo responsabilidades das quais havia me afastado em decorrência da aposentadoria e mudança para fora da Bahia. Voltar às atividades acadêmicas com mais afinco foi, em grande parte, uma salvação para mim. Minhas tarefas dando aula, orientando, escrevendo, participando do meu grupo de pesquisa e pesquisando ocuparam minha mente, ajudando-me a não afundar em depressão, me sustentando no dia a dia. Sem esquecer os muitos ‘lives’, ‘webnários’ e congressos online que aconteceram ao longo desses anos de pandemia, possibilitando as trocas e convívio, ainda que de forma remota, com colegas e companheiras de militância que não via há tempo. E confesso que aguardava com ansiedade a ‘happy hour’ das sextas-feiras, via zoom, o encontro semanal com um grupo de amigas queridas, de várias décadas, no nosso “zoom bar”, quando trocávamos todo tipo de conversas, cada uma em sua casa, acompanhada de uma taça de vinho, uma cerveja, e o que tivéssemos à mão para comer. Por certo, nada disso substitui os encontros ditos ‘presenciais’, os abraços, o aconchego do contato direto, de ‘pertinho’ com as pessoas queridas. Mas os encontros ‘virtuais’ foram fundamentais para nos manter próximas e lúcidas!”

Um breve relato de Maíra: “Eu estava em Brasília no último final de semana do ano de 2020, que aconteceu em 14 e 15 de março. Eu havia ido para uma reunião no ANDES-SN onde debatemos os ataques às universidades públicas, por meio de cortes e contingenciamentos de verbas, e quais seriam nossas ações para resistir a isto. Quando regressei a Salvador, recebi a orientação de permanecer em casa porque no Distrito Federal havia indícios de transmissão comunitária de covid-19, ou seja, o vírus já estava espalhado. Cancelei a aula presencial e passei para o online, sem saber que esse seria o futuro dos próximos dois anos.

Três dias depois, recebemos a notícia de que um familiar em São Paulo poderia estar com covid-19 e que as aulas presenciais na UFBA estavam suspensas por tempo indeterminado. Filha única, peguei a estrada com meu companheiro e fui ao Centro-

Oeste para estar com meus pais, ambos idosos, sem conseguir imaginar o que viria a seguir.

Os primeiros meses foram de muito medo, incerteza e tristeza. Um antigo colega de minha mãe no Instituto Federal de São Paulo, foi o primeiro conhecido a falecer. Depois viriam outros, próximos ou não, pessoas que admirávamos, perdas enormes. A cada dia, o noticiário dava mais raiva. O negacionismo que insistia em governar nosso país nos colocava ainda mais em risco – em especial as pessoas que, diferentemente de mim, não tinham a possibilidade de ficarem, de fato, em isolamento, e as populações mais vulneráveis, em especial os povos indígenas. Faltava oxigênio, vacina, renda. E um discurso perverso saía do Palácio do Planalto. O pesadelo tinha breves momentos de interrupção durante alguma chamada de vídeo com amigas ou nas lives diárias da Teresa Cristina. No cotidiano, o trabalho acumulava as tarefas domésticas e de cuidado, gerando um cansaço sem fim. A tela aproximava e exauria.

O tempo passou, a vacina veio e a vida foi, aos poucos, voltando a existir em pequenas doses. Um banho de mar em Salvador, uma campanha de rua para vereadora, uma cerveja num barzinho ao ar livre. Assim sigo, com cuidado, me vacinando quando existe dose disponível e um pouco mais esperançosa do futuro.

Paro esse depoimento por aqui porque textos de balanço da pandemia me irritam. Concordando com Ailton Krenak, ‘a pandemia não vem para ensinar nada. A pandemia vem para devastar as nossas vidas’. Ao que ele brilhantemente complementa: ‘Eu não sei de onde vem essa mentalidade branca de que o sofrimento ensina. Essa ideia, eu não tenho simpatia com ela.’¹ Eu também não tenho simpatia com ela.”

Artigos

Nosso objetivo com essa proposta é de refletir conjuntamente sobre essas experiências que, apesar de vividas de forma individual e subjetiva, carregam traços coletivos. Assim, nos vimos presentes em relatos trazidos por alguns dos artigos. Em “Tá estressante demais”, Lindamir Casagrande, Tânia Gracieli Vega Incerti e Lucas Bueno de Freitas realizam uma pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo, com mães e professoras de diferentes escolas do Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Entre as respostas

¹ <https://www.hypeness.com.br/2021/12/ailton-krenak-diz-que-nao-ha-nada-a-aprender-com-pandemia-mentalidade-branca-de-que-o-sofrimento-ensina/>

sobre como vivenciam a pandemia, encontramos frases como “Minha rotina de trabalho está exaustiva”; “muito cansativa”; “estou sobrecarregada”. Já no texto “A casa agora é campus”, de Talita Melgaço Fernandes, Paula Vielmo, Chirlene Oliveira de Jesus Pereira, Gabriela Cardoso Moreira Marques e Silvia Lúcia Ferreira, percebemos as dificuldades enfrentadas com o ensino, a pesquisa e a extensão remotos, desde uma abordagem ancorada na divisão sexual e racial do trabalho.

Trata-se de pensar sobre a pandemia a partir do ponto de vista situado das mulheres, entendendo que, mais do que colocar as lentes de gênero, é preciso enxergar por meio de um caleidoscópio de gênero (SARDENBERG, 2015). Dessa forma, como docentes universitárias com contrato permanente de trabalho, não experimentamos a agudização da crise econômica, que acarretou a perda do emprego ou a precarização dele durante a pandemia, que atingiu duramente as mulheres. De acordo com o IBGE (2020), o número de homens ocupados assalariados diminuiu em 0,9%, enquanto a queda entre as mulheres foi de 2,9%. No artigo “Branquitude e seus privilégios”, Claudia Suely Barreto Ferreira e Tatiane Pina Santos Linhares refletem sobre como foi possível, às pessoas brancas com certa renda, permanecerem em casa e se protegerem mais do vírus, além de terem plano de saúde para caso precisassem de auxílio médico-hospitalar. Em oposição a isso, uma das situações mais gritantes foi a das trabalhadoras domésticas, que enfrentaram a perda do emprego ou a necessidade de manter-se em atividade mesmo nos momentos mais severos da pandemia. Lembremos que a primeira pessoa vítima de covid no Rio de Janeiro foi uma trabalhadora doméstica contaminada pela patroa, que não a dispensou das tarefas enquanto aguardava o resultado do teste de covid². Tais experiências estão registradas no artigo “Precarização e subjetividade das trabalhadoras domésticas no contexto da covid-19 em Manaus”, de autoria de, Ronaldo Gomes-Souza, Roberta de Lima Sousa Vieira e Ariel Joan Santana de Souza. Destacamos aqui apenas uma das muitas falas ali presentes:

Eu continuei trabalhando [apesar da pandemia], eu parei só 7 [sete] dias porque eu peguei uma gripe, uma forte, que eu não sei se foi COVID, mas acho que sim e eu só fiquei em casa porquê eu peguei um atestado que eles não queiram deixar que eu ficasse em casa, eles não queriam me liberar, porque mesmo com atestado ele iria me descontar do salário. Aí

² <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

a médica disse que se ele fizesse isso eu poderia meter um processo nele. Aí depois dos sete dias eu voltei. (Perséfone, 52 anos, negra)

A vulnerabilidade também se faz presente na violência doméstica. Em seu texto, “Desprotegidas E Silenciadas: Violência Doméstica Contra As Mulheres Em Tempos De Isolamento Social E Pandemia Covid-19”, Tamires Aparecida Batista De Oliveira e Maria Helena Santana Cruz abordam a intensificação deste fenômeno, piorada com a dificuldade de acesso às redes de amparo e assistência. Como elas ressaltam, apenas entre março e abril de 2020, os casos de feminicídio cresceram 22,2%, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), enquanto a abertura de boletins de ocorrência diminuiu. Já no artigo “Tecnologias da informação e comunicação no combate à violência contra mulher em tempos de covid-19”, as autoras apresentam as tecnologias de informação para proceder à denúncia de violência, configurando-se como uma alternativa para atenuar os impactos ocasionados pelo afastamento social. Clara Gonçalves de Souza Silva, Geovana Chagas Barros, Ivomare Cerqueira de Almeida, Luane Caitano de Jesus, Lilian Conceição Guimarães de Almeida e Tânia Christiane Ferreira Bispo ponderam, porém, as limitações do uso de tal tecnologia no Brasil, onde o acesso à internet ainda é restrito.

Outro grupo bastante atingido pela pandemia foram as gestantes e as puérperas, que são objeto do artigo de Rosa Carneiro, intitulado “Para muito além do pulmão”. No texto, a autora analisa como o risco de contágio e perigo para a vida das mulheres, para os seus pulmões, tem sido articulado como justificativa para lhes impedir de ter acesso aos direitos garantidos por lei e preconizados como “serviços de saúde” essenciais, tais como ter acompanhante durante o parto.

Igualmente experimentando restrições estão as mulheres gordas, que foram colocadas como grupo de risco na pandemia. No artigo “Mulheres gordas na pandemia: gordofobia, (re)existências e ativismo gordo”, Leila Cunha Raposo e Maria Luisa Jimenez nos contam sobre esse momento de exacerbação da gordofobia, da adoção de um discurso patologizante e também de fortalecimento do ativismo gordo na luta contra a estigmatização.

Experiências difíceis também aparecem no texto “Medo constante e crescente: experiências de cuidado e ensino de enfermeiras durante a pandemia da covid-19”, em

que Eliene Almeida Santos, Flávia Karine Leal Lacerda, Marcela Luz Sacramento, Ueigla Batista da Silva e Enilda Rosendo do Nascimento abordam o cotidiano das profissionais de enfermagem que atuaram na pandemia, trazendo seu medo da morte e da contaminação por covid, sua e de seus familiares. Já no artigo “Contar histórias com maternidades: por uma política feminista do cuidado”, Thais Gomes de Oliveira e Vanessa Soares Maurente propõem-se a cartografar o trabalho de cuidado desenvolvido por mulheres e mães durante os anos de 2020 e 2021, buscando desnaturalizar o binarismo de gênero presente nessas tarefas, e trazem histórias duras tecidas também com afeto.

Por fim, duas autoras propõem-se a olhar para a institucionalidade. O artigo de Luana Borges Leme, “Trabalho de cuidado e mulheres na política parlamentar”, nos mostra esforços empreendidos por parlamentares, tais como o Projeto de Lei nº. 2.508/2020 apresentado pelas deputadas federais deputadas Fernanda Melchionna (PSOL-RS) e Talíria Petrone (PSOL-RJ), o qual priorizou as mulheres chefes de famílias monoparentais para receber o auxílio emergencial de mil e duzentos reais, o dobro da cota mensal que dispõe a Lei 13.982/2020 sobre o auxílio emergencial durante a pandemia do Covid-19 no Brasil. Já no texto “Bem me quero, mal me querem”, Rafaella Alves Nogueira dedica-se a analisar políticas governamentais destinadas às mulheres no período pandêmico, focando especialmente na atuação do governo federal, que expressa, nas palavras da autora, o “descaso” com a luta das mulheres.

Depoimentos

Os depoimentos que reunimos neste dossiê revelam que, em muitos pontos, minha experiência durante esse período de pandemia e os sentimentos a ela relacionados foram compartilhados por várias das autoras cujos testemunhos fazem parte desta seção.

Em “Contribuições Para Memória Coletiva Sobre A Pandemia: a construção de documentário sobre mulheres solteiras em isolamento social no Brasil”, por exemplo, Clara Mazzei Sobral e Francileide Araujo, então alunas do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD/FFCH/UFBA), junto com sua orientadora de estágio, Darlane Silva Vieira Andrade, relatam como, por conta das medidas sanitárias impostas pela pandemia, foram impedidas de cumprirem a exigência de Estágio Supervisionado do Programa no molde presencial, recorrendo ao uso da internet. Produziram, assim, o documentário, *Oi, sumida - Um documentário sobre mulheres solteiras em isolamento*

social no Brasil, trazendo uma importante contribuição “[...] para a construção de memória coletiva sobre a pandemia, do ponto de vista de mulheres solteiras brasileiras.”

De forma semelhante, em “Experiências Do Trabalho Intersetorial No Enfrentamento Da Violência Contra As Mulheres No Contexto Da Pandemia De Covid-19”, Ana Pereira Santos, Viviane Coelho Moreira, Kate Aparecida Rocha Lacerda, Isabella Vitral Pinto e Paula Dias Bevilacqua, parceiras atuando na Rede de Enfrentamento da Violência Contra Mulheres, em Belo Horizonte, conseguiram se articular para dar procedimento ao acolhimento inicial a um caso de violência ocorrido durante a pandemia de Covid-19. Conforme ressaltaram as autoras, apesar de enfrentar um contexto de [...]crise sanitária, política, social e econômica, a rede reagiu de forma criativa, produzindo coesão, ações estratégicas e mobilização em torno da violência”, o mesmo se verificando em relação ao atendimento do caso pela equipe interdisciplinar.

Acrescente-se aqui também o texto, “Grupo Operativo Remoto Como Estratégia De Promoção De Saúde Das Mulheres: Um Relato De Experiência”, de Lorena Vanessa Holanda da Cunha, Layna de Souza Moura e Madge Porto-Cruz, todas do campo da psicologia, que narram suas experiências de idealização, planejamento e realização de grupos operativos remotos voltados para mulheres em meio à pandemia da COVID-19, a partir de suas anotações e impressões das profissionais mediadoras da atividade grupal.

Já Barbara Duarte Benatti e Joana Vieira Vianna discorrem em “Quem Cuida De Quem Cuida?”, sobre suas experiências de vivência da pandemia, como “[...] duas mulheres, mães, professoras, divorciadas, pesquisadoras cursando doutorado em Artes Cênicas por diferentes programas de pós-graduação, residentes de localidades distintas (Brasília e João Pessoa)”, atravessaram os primeiros anos da pandemia do Covid-19, “conectadas e enfrentando desafios.” Para dar conta dessa experiência, fizeram um “recorte de tempo” de uma semana, o que vivenciaram cotidianamente, num exercício que caracterizam como “f(r)icção”, onde há um entrelaçamento entre o passado, o presente e o futuro, ficcionado em um breve período de tempo.”

Em “O Viver E O Vírus”, Luciene Corrêa de Miranda Moreira e Fernanda Burack da Costa também partem de um relato de como cada uma foi ‘atravessada’ pela experiência da pandemia do Covid-19, ambas atuando no campo da Psicologia, mas enfrentando situações distintas. Como nos explicam: “Esta obra é uma composição conjunta acerca de dois entes, suas respectivas subjetividades e como suas histórias se

cruzaram durante o período pandêmico.” Tal cruzamento se deu no contexto da Universidade, em que “um dos indivíduos era um@ docente recém-contratad@ para a disciplina “Psicologia e Deficiência” enquanto @ outr@ discente da respectiva matéria.” Ambas vivendo em Juiz de Fora com interesse precisamente no “contexto educacional com pessoas com deficiência (PcD).” Cada uma relata as dores e penas enfrentadas, percebendo, em si próprias, alguns dos sintomas também vivenciados por suas clientes, entendendo, “[...] perfeitamente, que suas dores não são maiores ou menores que as dores das demais pessoas.”

Os demais depoimentos incluídos nesta seção, todos eles agora individuais, se relacionam com a difícil tarefa de conciliar atividades acadêmicas, de ensino e pesquisa a partir do espaço doméstico e por meio virtual. Assim, “Escrevivências De Uma Professorinha: Vida Pessoal E Profissional Durante A Pandemia”, de Amanaiara Conceição de Santana Miranda, tal como o título bem indica, nos oferece o relato de sua “[...] experiência como mulher, negra e professora da educação infantil durante a pandemia em relação às questões étnico-raciais e de gênero.” Em especial, a autora se volta para as imensas dificuldades e limitações enfrentadas no trabalho pedagógico lidando com aprendizagens/desaprendizagens com crianças da educação infantil na rede pública municipal na cidade do Salvador-BA durante a pandemia da Covid-19. Como destaca Amainara Miranda, para se oferecer “uma educação antirracista, antissexista, dentre outros assuntos que tenham a ver com a convivência e com as diferenças, requisita-se o trabalho com conteúdos procedimentais e atitudinais,” algo de difícil manejo em ambientes não presenciais.

O depoimento seguinte, intitulado “Como Sobrevivi A Pandemia De Covid-19: esboço de uma avaliação feminista”, de Paula Vielmo, revive o impacto do primeiro ano da pandemia do Covid 19, na perspectiva de uma mestranda de Barreiras, interiorzão da Bahia (quase Goiás), vivendo em Salvador sozinha, tentando desenvolver a pesquisa para sua dissertação. Refletindo criticamente sobre esse período, como uma jovem “distante da família quase 900 km, sozinha em um pequeno apartamento, no segundo e último ano do mestrado, recém com nova orientadora e crente que passaria pela pandemia sem ser contaminada...”, conclui, sabiamente, que essa experiência não será esquecida e “[...] precisa nos ensinar que a dor deve impulsionar a luta e as mudanças somente serão possíveis se além de resistência, formos capazes de sonhar e lutar por uma nova sociabilidade.”

Darlane Silva Andrade, em “Isolamento Social Só: Notas De Uma Mulher Solteira Morando Sozinha”, nos brinda com reflexões de teor semelhante. “Como professora universitária, solteira e morando sozinha na capital da Bahia,” vale-se de reflexões feministas, “narradas e palavras espontâneas que me saem como poesia para retratar um pouco das minhas vivências no início da pandemia.” Procura, porém, ir além de si própria, dialogando com “[...]artigos e notícias sobre saúde mental, solteirice e questões de gênero na pandemia, na tentativa de compreender e dar visibilidade a vivências de pessoas solteiras neste cenário de crise.”

O depoimento de Tatiana Farias de Jesus em "Re(existindo)", volta-se para as “dimensões pessoais e coletivas do cuidado” no contexto da pandemia, a partir da experiência de mulheres que tem enfrentado a sobrecarga com o “trabalho doméstico, atenção aos filhos e demais familiares, excessivas atividades de *home office*, além da produção acadêmica.” Segunda a autora, essa sobrecarga tem sido particularmente difícil, penosa, para mulheres negras, como ela, mas que têm encontrado nas experiências religiosas de matriz africana, uma herança de resistência, “[...] para viver num mundo no qual contra sua origem e cor da pele são impostas barreiras para sua condição social.”

Na sequência, Marilda de Santana Silva, artista e professora da UFBA, reflete em “Por favor, pare agora COVID-19! Escrevivências para manter uma mente sã durante a pandemia”, sobre as “dificuldades, traumas e transcendências enfrentados pelo advento do covid-19 no mundo e na população brasileira”, destacando seu caso específico. Quando o estado da pandemia foi decretado, ela se encontrava em Campinas, SP, cumprindo estágio pós-doutoral no Instituto de Artes da Unicamp. Resultado: voltou “[...] com livros e cronograma embaixo do braço para Salvador no dia 18 de março com a sensação de pavor, frustração e muito medo do ainda “desconhecido” vírus.” Ficou, assim, “[...] em isolamento social por cinco meses, sem sequer ir ao supermercado, atender a campainha da porta para receber as correspondências entregues pelos funcionários do prédio...[...]. Enquanto isso, sua filha fazia planos para o seu casamento, que acabou sendo adiado várias vezes, sendo realizado sem que a autora pudesse ter estado ali presente. A despeito de tudo isso, esse período foi produtivo, possibilitando maior dedicação à escrita e publicação de suas “escrevivências”.

Fechamos esta seção de depoimentos com as pungentes reflexões de Sandra Maria Cerqueira da Silva, também professora universitária (UFES/BA), que resume, já em seu título – “Buscando Ar” – as agonias vivenciadas por quase todas e todos nós

todas nesse período. Sandra vai além, no entanto, expressando a dor de testemunhar a violência racista, que nos sufoca ainda mais: “Hoje, 30 de maio de 2020, eu percebi que precisava parar e deixar sangrar. Já não me restavam forças. Precisava deixar sair as toxinas que estão infiltradas na minha corrente sanguínea. Porque, de fato, a cada momento, consigo menos respirar. Me sinto tão cansada! Não consigo seguir. Há muito, há tanto peso por carregar! Cada vez que vejo a imagem daquele ser esmagando a garganta de um irmão, eu me sinto navalhar. Até posso ver o líquido vermelho desenhar em meu corpo. Me sinto pendendo para a frente. Observo minha língua colada no céu da boca. Diminui ainda mais o espaço para o ar. Eu preciso respirar. Veio a tosse. Eu me sinto tão cansada!”

Ensaios

Muitos textos nos emocionaram durante esse dossiê. Talvez o mais emotivo de todos seja “Carta ao meu pai: em direção a uma consciência feminista”, de Tamiê Pages Camargo, Diônvera Coelho da Silva, Andressa Farias Barrios, Livian Lino Netto, Julia Rocha Clasen, Isabella Alves Guimarães e Aline Accorssi. Nas palavras das autoras, seu texto “aborda a experiência de abandono paterno de uma filha que, a partir do seu contato com teorias feministas, percebe e questiona as consequências da falta de paternagem ao longo de sua vida. Em busca da construção e da ampliação de uma consciência feminista, a carta apresenta um conjunto de reflexões direcionadas ao pai, morto recentemente vítima da COVID-19, e a outros homens”.

O outro ensaio que apresentamos é de Maria Luiza Belloni, intitulado “Mídias, culturas jovens e violência simbólica”. No sem cessar de notícias da pandemia, a autora nos leva à reflexão sobre a desastrosa “intrusão e influência midiáticas na construção e permanência das estruturas simbólicas e da fabricação industrial de nosso universo simbólico, do imaginário das novas gerações”.

Entrevista

A entrevista dessa edição foi feita por Cecília Sardenberg com uma garota de 11 anos e traz o ponto de vista das crianças sobre a pandemia. “Às vezes eu converso sozinha, começo a falar e caminhar...” nos mostra como foi doloroso para as/os

pequenos lidarem com o afastamento da escola e dos amigos, uma marca geracional que certamente se fará presente durante sua vida adulta.

Artes de Mulher

A arte muitas vezes foi refúgio durante a pandemia. E também espaço de críticas agudas, refinadas e necessárias. Nessa edição, recebemos poemas e imagens que traduzem, sintetizam e nos convidam à reflexão.

A arte que está presente *na capa dessa edição* é de Raquel Silva Santos. Em “Bordar é Rizomar Meu Sentir,” a autora nos brinda com imagens bordadas em retalhos de tecido que, segundo ela, são “encantamentos” e “desabafos íntimos” gestados durante a pandemia. “Em uma tentativa de oração/desabafo/desejo em me manter viva e ter força para cuidar dos meus, essas frases saíram, em diálogos com tempo em bordados do avesso, trazendo o não visto e criando grafias próprias fora do meu corpo imaginação”, afirma Raquel.

Em “Bordados no (V)entre”, Roberta Paixão Lelis Silva também utiliza-se da técnica do bordado para nos apresentar uma série de imagens de linhas vermelhas que atravessam uma ultrassonografia e nos trazem afirmações e possibilidades.

Temos ainda poemas de Marília Martins de Araujo Reis, Meg Saiara Silva Ribeiro de Macedo e Tiago Amaral Sales, que encontraram nos versos formas de expressar sua subjetividade e, ao mesmo tempo, capturar o momento tão difícil vivido pela coletividade.

Como afirmamos na chamada pública que fizemos para esse dossiê, estamos certas de que todas essas experiências têm sido relevantes, construindo, cada uma delas, a história da pandemia do COVID-19 no Brasil. Acreditamos que era importante registrá-las, da forma que cada um/a de nós se sentia mais confortável em fazê-lo, dando assim espaço – e compasso – para nossas diferentes expressões do que nos tem passado pelo corpo, âmago e pensamento.

Referências

IBGE. Estatísticas do Cadastro Central de Empresas, 2020

Pozzan, E., and U. Cattaneo. 2020. *Women Health Workers: Working Relentlessly in Hospitals and at Home*. Geneva: International Labour Organisation.

Sardenberg, C. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Paraná, v. 20, p.56 - 96, 2015.